

A Entrada da Minha Casa

Mas não é! Esta enorme ave empalhada não é *Akka de Kebne-kaise!* Faz de conta! Foram uns miúdos aqui da quinta que encontraram este animal já morto, ali numa encosta que vai dar ao lago. Pensaram imediatamente em Nils, pensaram na pata, na história toda, miraram-na, reviraram-na. Ainda estava morna de uma vida recente, só os olhos eram como gotas geladas. Todo o resto do corpo poderia, talvez, palpitar. Era uma questão de imaginação.

Eu chamo-me Jon e o outro miúdo, aqui a meu lado, chama-se Kjell. Pensámos, imediatamente, oferecê-lo à senhora, aquela espécie de mãe enorme, de tia, de mãe de tia, talvez avó. Ela que tanto amava os patos-bravos e os gansos e já nos tinha lido bastante sobre essa história acabada de escrever. Eu podia ser Nils, ou tu podias ser Nils, com a diferença de sermos simpáticos e obedientes, coisa que o herói da história nunca tinha sido.

Assim, pegámos no animal e aconchegámo-lo nos nossos dois peitos vibrantes.

O grande ganso repousa, finalmente, e eu sou Jon. Kjell ampara-lhe as patas descaídas e moles que escorregam pela minha barriga abaixo. E é pesadíssimo, o ganso!

Depois, já no fim do dia, desatámos a correr sempre a falar um com o outro, a pensar em voz alta como raio é que ele teria morrido ali mesmo à beira do lago, logo ali à beira do lago quando seria suposto estar vivo e bem vivo a espadanar e a esvoaçar baixinho com todo o seu peso, por ali, por ali mesmo. Ou então a voar na sua formação por esses ares fora!

Agora sou eu, Kjell, a transportar a morta. Jon passou-ma com muito cuidado para os meus braços. Eu estava ali parado. E quando digo, *eu sou Jon*, também posso ser Kjell. É indiferente. Qualquer um de nós é um rapaz, temos a mesma idade, somos filhos de lenhadores que trabalham na quinta da senhora, mãe, tia, quase avó. Gostamos de andar por aqui neste tempo ameno a subir e a descer as pequenas elevações que existem, poucas, neste cenário. São cabeços totalmente preenchidos por centenas e centenas de árvores todas juntas, criando espaços sombrios lá no seu miolo intrincado. Existem por aqui animais variados, coelhos, lebres, raposas, o grande veado, o tímido urso. Também podemos ver ao cair da tarde e já fora do ovo florestal, ali mais à frente, na linha que segue o lago, a alcateia ajuizada. Os lobos seguem sempre a direcção da Lua, das luas possíveis.

Nós conhecemos bem os caminhos, decorámos os contornos do lago, muitos sons, todas as luzes. Sabemos como voa uma formação de patos, gostamos de os seguir cá de baixo, sentados na erva, com a linha alongada do nosso olhar. São desenhos no céu, inteligentes e belos! Voam agrupados, numa certa formação como se fosse a letra V. Assim se protegem e assim cortam os ventos que os cansam. Passam por cima do nosso tecto natural e gritam, gritam uns com os outros, grasnam, vão sempre grasnando e ensinam, uns aos outros, todas as lições antigas, essas lições só ensinadas e aprendidas lá nas alturas do céu, quando é possível um voo limpo e sem nuvens. Às vezes descem num tom longínquo, uns atrás dos outros, ao arrepio da linha de água do lago. Banham-se, alegram-se, estão barulhentos e enchem os ares com os seus gritos de patos. Não há bicho mais belo! Para nós, não há!

Na altura em que Jon encontrou este ganso aqui enrolado sobre si próprio na orla da água, à primeira nem percebeu bem, ou não quis acreditar no que estava a ver. O que poderia ter acontecido?

Aproximou-se dele e achou-o adormecido, a cabeça dentro de água. Como se um pato se deitasse no chão para dormir! Por isso afastou-se e deixou-o ficar ali. Quis olhá-lo de longe. Foi então que, ao encostar-se ao tronco daquela árvore, se deixou escorregar até ficar enovelado no chão. Começou a chorar. Chorou o dia todo.

Já a tarde desaparecia e o fumo do ar fresco se esbatia nos nossos corpos quando decidimos pegar no animal e transportá-lo, ora eu, ora ele, conforme está já descrito no início deste capítulo.

É lindo, é grande. Castanho. A senhora vai gostar muito dele. Podíamos até dizer-lhe que é *Akka de Kebnekaise*, não podíamos? Ela poderá dizer que não é, mas irá fingir e irá agradecer-nos muito e perguntar: “E agora? O que faço eu com uma ave tão grande e já morta?”

Passaram-se uns dias, uns meses, mais ou menos uns cem anos. Quando visitei a Casa, a primeira visão que tive foi o grande ganso castanho, tratado, empalhado, embalsamado, não sei, conservado como se tivesse saído agora mesmo do seu banho no lago, como se tivesse alargado essas enormes, poderosas asas sobre nós todos, as suas vigilantes e sábias asas.

Todos sabíamos que não era *Akka*. Todos! Mesmo Selma sabia. E, mesmo assim, o animal foi amado e tratado com a máxima atenção, com todo o cuidado, e aqui está ele a representar a espécie para quem o quiser admirar. Na entrada, em cima do seu pedestal, recebe quem vai aparecendo.

Os rapazes tinham-no entregado às mulheres da cozinha e estas entregaram-no à senhora.

“Eles dizem que é *Akka de Kebnekaise*. Mas não é verdade. Inventaram. Querem dar-lha de presente.”

E assim os visitantes encaram de frente e para sempre a grande pata de Mårbacka que não é, mas podia ser.

Como nos eternos contos de fantasia que toda a gente devia conhecer.

É, mas não é.

Mårbacka já foi visitada, até hoje, por mais de quatro milhões de pessoas. Eu fui uma dessas pessoas no sábado, dia 14 de Outubro do ano 2017, da parte da tarde. Voltei a esta casa no dia 24 de Maio de 2018, com uma visita guiada e preparada, especialmente, para a minha presença. Desta vez, eu sabia já muito mais, tinha recolhido muita informação sobre Selma, de forma que a minha conversa com a guia, e apenas nós as duas, foi muito diferente. O ar envolvente senti-o mais leve, a minha presença muito mais segura e à vontade. As perguntas que fiz foram, apenas, para me certificar de certos dados e confirmá-los. Visitei o sótão, zona normalmente vedada aos visitantes. Foi-me permitido tirar meia dúzia de fotografias no interior.

Mas, voltando às visitas regulares, a viagem é guiada. As pessoas são informadas de que a casa está tal qual como se encontrava no dia da morte da escritora. Os móveis estão no mesmo sítio onde sempre estiveram, as janelas principais a acolher a luz de oiro do Sol ou a brancura da neve, sem cortinas, sem anteparos, amplas. Os tapetes, os candeeiros, os espelhos, as pinturas das paredes, algumas sujidades nos estofos das cadeiras, objectos pessoais nos seus sítios de sempre, os pratos e os talheres de uso corrente, os quadros... tudo o que me faz afastar o sentido da morte, mas tanto me aproxima da saudade.

Como posso eu olhar para este espaço sem te perceber, senhora? Tal como *Akka*, és iniciática, misteriosa, és professora da mais intrincada sedução, a sedução da ideia das palavras mais fáceis e que, no entanto...

Essas tuas palavras tantas e tantas vezes escritas em livros, pequenas letras vindas das mais esconsas volutas do pensamento e das imagens criadas por ti, na contemplação da Natureza.

Hoje, sei de todos os impulsos extravagantes, fortíssimos, da sua vida. O desejo maior de Selma, a partir da altura em que se viu sem Mårbacka, foi recuperar esta casa e toda a propriedade. Foi além do sonho. Foi o ideal da sua vida. E conseguiu. Tal como deixou escrito numa carta dirigida à sua amiga Ida Bäckman: *Posso afirmar que Mårbacka foi e é o grande amor da minha vida. Tudo o que fiz teve como propósito comprá-la novamente, dar-lhe vida, recuperá-la na sua totalidade.*

A propriedade tinha sido vendida em 1885, logo após a morte do pai, Erik Gustaf Lagerlöf aos 65 anos. O tenente Erik, o alegre, excêntrico, o melhor pai do mundo para todos os filhos. A doença e o álcool transformaram-no. Deixou o mundo demasiadamente cedo. Um homem destes, tão alto, possante, aparentemente inabalável, despediu-se de todos, para sempre, numa tarde de Verão próxima do seu aniversário.

A família não conseguiu sustentar a propriedade e tudo foi vendido.

O desgosto pela venda da casa foi intenso e doloroso para Selma, nessa altura a dar aulas em Landskrona. Muito mais tarde, viria a recuperá-la.

O que se via através das vidraças destas suas grandes janelas?

Nada. Não se via nada de especial. Apenas um oceano de bétulas e de pinheiros, um vasto mar de espumas brancas de neve ou de transparências de oiro pelas folhas das árvores, ou ainda os ares do azul curto do Verão.

Todo o campo a rodear o edifício, tudo o que existe hoje, existia há cem, há duzentos, há trezentos anos. O enredo das florestas e toda a vida que ali se agita eram, para ela, uma vida diferente.

Tudo se perdeu a partir da ideia da morte de Erik Lagerlöf. Não foi preciso, sequer, chegar esse dia.

Mas esta casa é como uma pessoa. Nasceu e teve um percurso complicadíssimo. É por isso que vos falo tanto nela. Todos os fantasmas são bem-vindos. Lá os encontrei. Existem, sim, e vamos trocando conhecimentos à medida que avançamos.